

Ulysses lança sua primeira bomba contra o governo

Se estava apenas à espera de uma boa oportunidade para atacar a atual administração federal, Ulysses Guimarães não poderia ter encontrado uma melhor — a primeira desde o lançamento oficial de sua candidatura à sucessão. “Inviável é o governo de Sarney”, disparou ele ontem, em Porto Alegre, respondendo às críticas do próprio presidente Sarney que, em entrevista ao SBT, acusou a Constituinte de ter inviabilizado a administração do Estado no Brasil. “Ocorre que a Constituição trouxe medidas populares, e quando se faz isso no Brasil vem a arenga da ingovernabilidade”, explicou Ulysses diante de 333 prefeitos gaúchos reunidos no Congresso das Associações dos Municípios.

Foi a chance de Ulysses para convencer seus interlocutores que o PMDB do qual é candidato nada tem com o governo Sarney. “Não temos nada com o governo desde a reforma ministerial de 1986”, garantiu. E aproveitou novamente as críticas de ingovernabilidade de Sarney para contra-atacar. “A ingovernabilidade é produzida pela fome, miséria e injustiça social”, disse. “Se se aumenta o salário, diz-se que a causa é a inflação. Se o beneficiado é o pobre do aposentado, diz-se que isso quebra a Previdência. Tal situação não pode continuar.”

Ulysses lembrou ainda que Sarney jurou cumprir a nova Constituição — “mas assim mesmo insiste em condená-la”. Prometeu, porém, que o PMDB “trabalhará duro” para derrubar o veto de Sarney ao aumento do salário mínimo para NCz\$ 120,00, aprovado pelo Congresso. E mais: o partido não permitirá, segundo ele, a desvinculação do salário mínimo do cálculo das aposentadorias e pensões da Previdência.

A recepção que Ulysses recebeu em Porto Alegre, ontem, foi das mais animadoras. Já no aeroporto, foi saudado por quase mil pessoas entre prefeitos, deputados, vereadores e militantes. “Se continuar crescendo assim, ganharei a eleição no primeiro turno”, entusiasmou-se. Para ele e para o vice de sua chapa, Waldir Pires, o programa foi intenso. No improviso que fez durante o congresso de prefeitos, Ulysses foi interrompido quatro vezes por aplausos — uma delas quando resumiu seu programa de governo com a promessa de

prestigiar o município brasileiro: “O Estado deve voltar suas vistas para o município, onde está o homem”.

O entusiasmo que encontrou no reduto de Leonel Brizola animou Ulysses. Mas nenhum peemedebista arriscou a prever vitória, apesar de o partido deter o controle de 137 prefeituras. O governador gaúcho Pedro Simon não participou do programa de Ulysses: estava acamado no Palácio Piratini, com febre causada por uma pneumonia. Ulysses foi até ele e ouviu de Simon que, por enquanto, uma vitória ainda é considerada difícil. Nem precisava. Ulysses pôde sentir já na porta do Palácio essas dificuldades: ali, os professores em greve gritavam slogans contra o PMDB.

Ulysses, contudo, deve enfrentar outras dificuldades — como o governador pernambucano Miguel Arraes que, apesar das tentativas da cúpula do PMDB de esconder o fato, continua fazendo restrições ao candidato de seu partido. Arraes deverá se encontrar brevemente com o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, que já tem apoio do PC do B e do PSB. A esperança dos petistas é conseguir também o apoio de Arraes, considerado como um mito pelas esquerdas.

Se Arraes continuar inconformado com a postura de Ulysses na campanha, os líderes do PT e do PC do B acreditam que ele acabará marchando ao lado de Lula, mesmo sem deixar o PMDB. O que pode contribuir para a aceleração desse processo é justamente a preocupação dos progressistas do PMDB com a recente declaração de Ulysses, de que está procurando aliança com o PTB, partido que as esquerdas consideram fisiológico.

Além disso, os progressistas do PMDB também não aplaudiram a proposta de Ulysses de examinar acordos e alianças com PSDB e PCB com o objetivo de armar um forte esquema de centro e de centro-esquerda para enfrentar Collor de Mello, do PRN, e Leonel Brizola, do PDT, no primeiro turno. Discordar dessas alianças, porém, é um problema que nada tem a ver com as críticas que Arraes insiste em dirigir a Ulysses. “O único motivo disso é uma enorme frustração de Arraes”, argumentam ulyssistas, referindo-se à derrota do governador pernambucano na convenção do PMDB.